

## AUTOGESTÃO, ARTE E ACOLHIMENTO COMO POSSIBILIDADE DE CUIDADO PARA ESTUDANTES DISSIDENTES EM GÊNERO E/OU SEXUALIDADE

SELF-MANAGEMENT, ART AND SUPPORT AS A POSSIBILITY OF CARE FOR DISSIDENT STUDENTS  
IN GENDER AND/OR SEXUALITY

Ana Luisa Moraes Sombini<sup>1</sup>

Bruno Rodrigues Gonsales<sup>2</sup>

Carla Cristina Pianca Prado<sup>3</sup>

Cecília Peixoto Gomes Pedroza<sup>4</sup>

Iara Rocha Barros<sup>5</sup>

Sabrina Helena Ferigato<sup>6</sup>

**RESUMO:** A experiência narrada neste relato advém de um projeto viabilizado através do Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil (PIAPE) que ocorreu entre agosto de 2020 e fevereiro de 2021, e objetiva a promoção de saúde mental a partir dos recortes de dissidência em sexualidade e gênero na comunidade acadêmica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pretende-se discutir as formas de organização que foram adotadas para este projeto, as relações tecidas entre discentes dissidentes em gênero e/ou sexualidade e a universidade e as possibilidades de acolhimento advindas do processo grupal. O relato da experiência será composto por depoimentos das pessoas que participaram da equipe de trabalho, com foco em suas vivências e sensações acerca da experiência. Concluímos destacando a importância da construção de projetos que visam a permanência estudantil para populações dissidentes dentro da Universidade, sem deixar de levar em consideração aspectos interseccionais que perpassam essas existências.

**Palavras-chave:** Minorias Sexuais e de Gênero; Saúde Mental; Arte; Saúde do Estudante.

**ABSTRACT:** The experience told on this report comes from a project funded by the Institutional Program for Support and Incentive to Student Permanence (PIAPE) that occurred between August 2020 and February 2021, and aims to promote mental health from the point of view of gender and sexuality dissidence in the academic community of Federal University of São Carlos (UFSCar). It intends to discuss the forms of organization that were adopted for this project, the relations between the dissident students in sexuality and/or gender and the university, and the possibilities of support from the group process. The experience report will consist of testimonials from the people who participated in the work team, focusing on perceptions of and feelings about their experiences. It is concluded by highlighting the importance of creating projects that aim at student permanence for the dissident populations within University, while taking into account intersectional aspects that run through their existence.

**Keywords:** Sexual and Gender Minorities; Mental Health; Art; Student Health.

1 Graduanda em Terapia Ocupacional (UFSCar). E-mail: nanaluisams@gmail.com.

2 Graduando em Imagem e Som (UFSCar).

3 Graduanda em Terapia Ocupacional (UFSCar).

4 Graduanda em Imagem e Som (UFSCar).

5 Graduanda em Terapia Ocupacional (UFSCar).

6 Doutorado em Saúde Coletiva pela UNICAMP. Professora adjunta do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), credenciada junto ao Programa de pós graduação em Terapia Ocupacional da UFSCAR e ao programa de pós Graduação em Saúde Coletiva da UNICAMP.

## INTRODUÇÃO

A qualidade de vida da população dissidente em gênero e sexualidade é diretamente afetada pelo processo de marginalização e exclusão produzido por uma sociedade cisheteronormativa. Sendo assim, a permanência de pessoas afirmadamente LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexuais) em espaços formais de educação caracteriza-se como um cotidiano de enfrentamento e discriminação. Este processo não é marcado pela automotivação ou resiliência, mas pela frequente evasão escolar, provocando grande sofrimento psíquico nesta população (DUARTE, 2015). Dessa forma, práticas de cuidado para a população LGBTI+ se tornam necessárias como promoção de permanência estudantil, tendo em vista que a instituição educacional, por ser uma instituição de poder e de natureza disciplinar, pode assumir um papel normatizador que tende para os riscos de padronização dos corpos (FOUCAULT, 1979).

É notório que mesmo entre as pessoas dissidentes em gênero e/ou sexualidade, o sofrimento psíquico e as opressões não ocorrem da mesma forma em todos os corpos, no entanto, o fato de um conjunto de corpos vivenciarem processos culturalmente compartilhados de exclusão e/ou discriminação nos leva a compreender que existe um plano comum de experiências coletivamente compartilhadas, que podem ser divididas, socialmente fortalecidas e/ou combatidas, especialmente no que se refere à *intersecção* entre o sofrimento psíquico X gênero/raça/classe social/cultura.

A interseccionalidade é um termo cunhado por mulheres negras, indígenas e oriundas do sul global ao denunciarem a falta de representatividade no chamado “feminismo branco acadêmico e liberal” e a marginalização de experiências e opressões vividas pelas mulheres que partem de experiências não brancas. Nesse sentido, se faz necessário abarcar a multiplicidade nas teorizações feministas e antirracistas (PASSOS; PEREIRA, 2017). Lorde (2015), traz a tona a discussão que as experiências de opressão vivenciadas por um indivíduo perpassam um só corpo, colocando-se a necessidade de integrá-las:

Dentro da comunidade lésbica eu sou Negra, e dentro da comunidade Negra eu sou lésbica. Qualquer ataque contra pessoas Negras é uma questão lésbica e gay porque eu e centenas de outras mulheres Negras somos partes da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão Negra, porque centenas de lésbicas e homens gays são Negros (LORDE, 2015, p.6).

Para Silva (2016), o fato de que a maior parte de produções pictóricas encontradas no que é chamado de *estética queer* seja de produções de artistas cis, é um indício da falta de práticas de inserção dos corpos trans nos espaços institucionalizados da arte. Paralelamente, o recorte étnico-racial também passa por processo similar. A autora Ceíça Ferreira (2016) se debruça sobre dois eixos que evidenciam a exclusão dos corpos negros em espaços similares: a estereotipação, que comumente relaciona as personagens ao imaginário escravista, e a ausência, que explicita a pequena participação de profissionais negras/os em comparação a profissionais brancos dentro da indústria cinematográfica. Esses recortes evidenciam também as tensões que permeiam a sigla LGBTI+ e a necessidade de uma perspectiva interseccional ao se pensar nas opressões que atravessam essa população.

Grupos em vulnerabilidade formam redes para promover o autocuidado e o cuidado mútuo, compartilhar experiências e construir outras possibilidades de vida. Inseridos no contexto de pandemia, essas redes tornaram-se cada vez mais rarefeitas e distantes, criando uma demanda maior de espaços de acolhimento, que agora assumem novos modelos e configurações, encontrando na internet uma nova possibilidade de conexão. Tais grupos necessitam de momentos de acolhimento do sensível e de possíveis efeitos afetivos dos processos de vulnerabilidade que vivenciam em seu cotidiano. Uma das formas de criar esses momentos é a produção de espaços de expressão, acolhimento e elaboração dos afetos mobilizados em seu dia-a-dia. Na experiência relatada neste texto, adotamos como estratégia para promover este acolhimento expressivo, a realização de um projeto de linguagens artístico-culturais planejado, criado e executado por estudantes dissidentes de gênero.

A escolha pela linguagem artística, se deu, não apenas pela vocação expressiva das atividades artísticas, mas por seu potencial em proporcionar o acesso, a formação da experiência em arte, o direito de circular na vida cultural e de produzir cultura (CASTRO; MECCA; BARBOSA, 2016) criando, assim, um “amplo movimento no qual a experiência da alteridade mobiliza afetos e iniciativas, implicando, sobretudo uma mudança na sensibilidade coletiva” (CASTRO; MECCA; BARBOSA, 2016, p.169).

O projeto relatado - intitulado “A arte e cultura como promoção de cuidado para a vivência LGBTQIA+ em tempos de distanciamento social” foi financiado pelo Programa Institucional de Acolhimento e Incentivo à Permanência Estudantil (PIAPE), vinculado institucionalmente à pró-reitoria de assuntos comunitários e estudantis da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O espaço de acolhimento atrelado a institucionalidade do caráter do projeto teve a função política de estabelecer esse contato por dentro da “máquina institucional”, ao mesmo tempo que em suas bordas, o colocando-se como um caminho para a manutenção dos laços entre os próprios discentes e em conjunto com a universidade dentro do contexto de pandemia, dando continuidade a projetos de vida anteriormente traçados e sobretudo prevenindo processos de desistência e evasão acadêmica, ao colocar a UFSCar como um ponto na teia de relações destes sujeitos.

### A organização e descrição do projeto

As ações ocorreram através de dois ciclos consecutivos com diferentes participantes. Os encontros dos grupos foram realizados semanalmente, com duração entre 90 e 120 minutos cada, pelo período de 06 meses, através da plataforma digital *Google Meet*.

A seleção para os participantes foi realizada através de formulário *online*, divulgado em grupos do *Facebook* e *Whatsapp* da comunidade acadêmica e pelos canais institucionais da Universidade. Os pré-requisitos para os participantes eram: ser estudante da UFSCar e ser dissidente em sexualidade e/ou gênero. Dentro desse recorte, deu-se prioridade para os discentes bolsistas, às pessoas trans, pessoas racializadas e pessoas com deficiência. Tivemos um total de 68 inscritos nos dois ciclos e um grupo consolidado com 11 participantes no 1º ciclo e 9 participantes no 2º ciclo.

Os encontros foram divididos em três grandes eixos temáticos: Retomada, Ancestralidade e Cotidiano, e as atividades realizadas durante os ciclos foram a

construção de um autorretrato, um mapa corporal, a produção de documentação e de um plano de retomada. Levando em consideração o contexto de distanciamento social no qual estamos inseridos e as possibilidades práticas de cada um, os materiais utilizados deveriam ser aqueles disponíveis em seu dia a dia, como computador, caneta, lápis, folha de papel, revista, tesoura, cola, câmera de celular, gravadores de celular, entre outros. Cada proposta possuía um intuito dentro dos diálogos possíveis para trabalhar a superação das dicotomias socialmente construídas entre sujeito individual e coletivo, cura e adoecimento, expressão e repressão. A ideia de passado, presente e futuro, das trocas entre os que vieram antes de nós, de quem nós somos e de quais os caminhos possíveis para construirmos futuramente foram nossos principais fios condutores, atravessando e remodelando a equipe, o projeto e seus participantes.

Em cada encontro foram utilizados diferentes disparadores audiovisuais e textuais, com o intuito de aprofundar as temáticas de cada eixo e estimular o visionamento de outras ficções possíveis para as *corpas* marginalizadas. Instigados pela fuga da arte canônica, que é constituída majoritariamente por produções cisheteronormativas, os conteúdos disparadores selecionados durante o projeto deram visibilidade para produções nacionais, independentes e não-normativas. Estas impulsionaram a ativação sensível, trocas e compartilhamentos de angústias, afetos, sentidos, memórias e urgências. Ao final de cada eixo, uma exibição das atividades era realizada. Nelas, os participantes relataram seu processo de criação, compartilharam suas produções e considerações, produzindo um momento de encontros, identificações, de vislumbre de novas perspectivas e sentidos para os processos de sofrimento e seu enfrentamento.

## METODOLOGIA

A escrita deste relato de experiência ocorreu por meio da construção coletiva de membros da equipe de trabalho do projeto e foi redigida em dois planos: O plano descritivo, que relatou linearmente a experiência, por meio da sistematização dos objetivos, métodos e organização das atividades realizadas e o plano narrativo, que buscou acessar efetivamente o plano da experiência singularmente vivida. Para Bondía (2002), a dimensão da “experiência” se refere àquilo que nos acontece, aquilo que nos toca com capacidade de produzir novos saberes reafirmando e/ou desconstruindo concepções prévias que se colocavam como naturais.

A narrativa da experiência foi tecida a partir das seguintes perguntas disparadoras: (I) Como você avalia a forma com que o projeto foi organizado?; (II) Você identifica potencialidades e fragilidades advindas deste processo?; (III) Após as experiências vivenciadas no grupo, como você percebe a relação estabelecida entre a universidade e discentes dissidentes em gênero e/ou sexualidade?; (IV) Como foi para você experimentar a organização de um espaço grupal para acolhimento e produção artística?; (V) E como foi transitar por estes dois momentos, acolher e ser acolhido?

Posteriormente, as respostas colhidas destas perguntas passaram por um processo de identificação de zonas de singularidade e zonas de comunidade, ou seja, a identificação de territórios de afirmação da diferença e de trajetórias próprias, ao mesmo tempo em que produzia um plano comum de experiências compartilhadas. As discussões realizadas neste relato são oriundas do que foi levantado pelo coletivo

como narrativas que traduzem pontos essenciais da experiência para a discussão aqui realizada.

## RELATOS E REFLEXÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA

A análise coletiva das narrativas produzidas resultaram em três grandes eixos de discussão e seus subtópicos, estes guiaram as nossas reflexões acerca da experiência.

### Autogestão

Na implementação do projeto, o coletivo de estudantes que o compuseram priorizaram uma equipe de trabalho composta por estudantes pertencentes ao recorte populacional proposto para a oferta de cuidado. Foi estabelecida uma relação de orientação com uma docente do Departamento de Terapia Ocupacional (DTO), e acordado com esta que a organização e condução dos encontros seriam de responsabilidade dos discentes. Com esta configuração consideramos que a forma de organização do projeto e do coletivo foi autogestionária, não hierárquica e transversal, como explicitam os excertos a seguir:

O projeto foi organizado de forma horizontal e não-hierárquica, tanto entre os membros da equipe de trabalho em si, quanto em relação aos membros da equipe com os participantes do grupo.

Compreendemos que a autogestão está além da produção material, se contrapondo a heterogestão. Para vivenciá-la é imprescindível uma experimentação prática, coloca-se como um novo espaço, como privilegia a educação popular e permanente, combatendo as formas de sociabilidade burocráticas estabelecidas pelo capitalismo (NASCIMENTO, 2011; LIMA; CARVALHO, 2018). Com este intuito determinado entre o coletivo, as ações organizativas desenvolveram-se de forma a propagar entre os membros da equipe materiais teóricos e práticos, realizar curadoria dos conteúdos audiovisuais disparadores e reuniões semanais para discussão da estruturação do projeto e das ações de acolhimento para os encontros.

A proposta de não hierarquização e transversalidade dimensionou-se em todos os âmbitos, assim, o cronograma de atividades caracterizou-se por sua flexibilidade e a possibilidade de alteração caso fosse percebida a necessidade.

A curadoria dos filmes, a escolha das atividades e diversos acordos de convivência eram estabelecidos em reuniões com toda equipe e/ou eram trazidos ao longo dos encontros, para que os participantes pudessem contribuir com o andamento do projeto também. Acredito que essa conduta deixou os participantes confortáveis em sugerir alterações e propor ideias, pois foi algo que aconteceu em alguns momentos ao longo dos encontros.

Outro processo notoriamente autogestionário foi a forma de realizar as proposições de atividade. Foram discutidas as sugestões que dialogassem com os eixos e a construção de todas as propostas tiveram em comum a liberdade para a criatividade, não foram colocadas fronteiras ou especificidades nas linguagens artísticas a serem utilizadas. Freire (1979), afirma que através do método da “conscientização” o oprimido pode criar sua própria linguagem, com esta linguagem possibilita-se nomear o futuro e tomar em mãos sua própria vida.

Entretanto a equipe em suas narrativas relataram sobrecarga ao longo do desenvolvimento do projeto.

Uma dificuldade que enfrentamos nos dois ciclos do projeto está relacionada na conciliação entre as demandas institucionais acadêmicas e as atividades do grupo. Nos dois ciclos, a presença e participação no grupo foi caindo gradativamente com o passar dos encontros. As queixas acerca da sobrecarga e cansaço causado pelo Ensino Não-Presencial Emergencial (ENPE) também era algo que sempre aparecia quando fazíamos o acolhimento inicial (perguntar para os participantes como eles estavam se sentindo e como passaram a semana). Algumas pessoas envolvidas no projeto conversaram com a gente falando que iam se ausentar das atividades e dos encontros devido ao aumento das demandas na Universidade, mesmo o projeto trazendo aspectos positivos para elas. A produção de atividades também reduzia da mesma maneira.

Por estarmos inseridos dentro de uma lógica social, econômica e política capitalista, não estamos isentos de reproduzir práticas capitalistas como competitividade, falha na distribuição de tarefas e de responsabilidades, relações baseadas em violência dentre outras práticas que sustentam e mantêm hierarquias, dissolução de grupos, afastamento de indivíduos da coletividade (LIMA; CARVALHO, 2018). Identificamos algumas destas falhas em nossas relações grupais de equipe de trabalho, contudo, como afirmado anteriormente compreendemos esta experiência como uma formação, com espaço para erros entre os acertos.

A institucionalidade que permeia as ações e relações desenvolvidas também foi citada nas narrativas analisadas. O contexto pandêmico evidenciou os processos de sofrimento e exclusão vivenciados dentro da universidade.

Eu acho que tem uma falta da universidade em acolher dissidentes, seja nos conteúdos disseminados que só seguem a norma de pensamento, como estudar sobre as próprias dissidências para acolhê-las, inclusive com relação à saúde mental. Além, claro, de só por estar na dissidência, sofrerem violência institucionalizada. Nada disso é acolhido, ou levado em consideração pela universidade. A universidade coloca como se todos fossem iguais, então não dá atenção direcionada às dissidências e os discentes dissidentes que sofrem.

Percebe-se que a existência de políticas públicas que generalizam sujeitos não configura-se como uma garantia de atendimento em conformidade com a perspectiva de proteção de direitos das pessoas LGBTI+, deve-se reconhecer os limites impostos pela lgbtfobia institucional (MELLO et al., 2013). Compreendemos que entre os estudantes a resistência está no tecimento das redes de afeto e compartilhamento, a oferta de cuidado proporcionada pela universidade aos discentes desviantes da norma está primeiramente no ato de ouvi-los e aprender suas demandas, despiando-se da sua *heterocisnormatividade* introjetada.

### Dinâmica de grupos e a potência de produzir grupalidades

O projeto foi estruturado para ocorrer de forma com que todos os membros pudessem fazer parte da construção dos encontros e atividades proporcionando o contato com os variados desejos, expectativas, vivências e demandas contidas na grupalidade. Neste movimento de *alterabilidade* e semelhanças permitido pela grupalidade se pode pensar o conceito de grupo como um dispositivo capaz de

produzir subjetividades e transformações a partir do contato com o outro (SÁ et al, 2015). As histórias, as vivências e as angústias compartilhadas pelos participantes foram criando afinidades e aproximações dando forma a este espaço relacional – o grupo -, um “ambiente vivo, de matérias visíveis e invisíveis, que operam organização, desorganização e reorganização das experiências (CASTRO et al, 2015, p. 139).

Diante dos processos de estigmatização e violências vivenciadas por pessoas dissidentes em gênero e sexualidade é essencial a criação de enfrentamentos para amenização destes sofrimentos advindos da sociedade *cisheteronormativa*. Foucault (1979) afirma que em toda relação de poder sempre há possibilidade de resistência, que se configura como uma potência tão produtiva e móvel quanto o poder exercido. Para o filósofo esta resistência se configura pela luta e pela criação, que tem o potencial de criar outras formas de subjetividade por meio da negação de individualidades que foram impostas (FOUCAULT,1995). Desta forma, o grupo permite a criação de um movimento desta resistência e produção de subjetividade se destacando pela potência no acolhimento mútuo, como percebido nos excertos a seguir:

Assim, para mim é bastante marcante como o acolher transita tão bem em grupo, a partir do momento em que o vínculo é estabelecido, a ação de acolher passa a ser realizada por todos os participantes

Acredito que uma das maiores potencialidades do projeto foi a própria dinâmica grupal onde havia um constante movimento de acolher mas também ser acolhido, tornando o processo de cuidado, de bem-estar não apenas individual mas também coletivo.

Outra potência destacada foi a realização e os compartilhamentos das atividades. Todas as propostas de atividade foram escolhidas previamente pela equipe de trabalho, porém no momento de compartilhar a proposta com o grupo, foi frisado que poderia haver modificações por parte dos participantes. As atividades dialogavam com as discussões e com a temática do bloco, levando em consideração o recorte do grupo populacional e suas vivências compartilhadas durante os encontros. Este processo de incluir os participantes em todas as etapas reforçou o intuito do projeto em ser uma construção coletiva e não hierárquica. Além disso, sempre foi destacado na apresentação da proposta que a realização das atividades não era algo obrigatório.

Acerca das atividades, acredito que também foi algo muito potente. Muitas delas suscitaram reflexões nos participantes que trouxeram sentimentos como felicidade, empatia com si mesmo, percepção do próprio corpo [...]. Outra potencialidade que envolve a produção de conteúdos artísticos está relacionada às apresentações. Mesmo que um participante não produzisse algo de si, ele se sentia envolvido com a atividade apresentada pelo outro participante.

As atividades propostas tinham como objetivo trazer os significados que as pessoas dão às suas experiências, assim, trabalhar com o fazer humano pode suscitar que o sujeito conte a sua própria história, em um processo de “fazedor de sua história e da história do mundo” (FRANCISCO, 2001, p. 67).

## A experiência como processo de retomada, inclusão e formação para a equipe

O processo de pesquisa e curadoria colocou a equipe em contato com novas realidades, buscando experiências de reconhecimento e transformação de si. O termo retomada é comumente usado para referenciar processos de recuperação, pelos indígenas, de áreas por eles tradicionalmente ocupadas (ALARCON, 2013). Para além das questões territoriais, para os povos originários do Brasil, a ligação com a terra tem um valor de origem, não só de ocupação, sendo então, o processo de retomada associado diretamente à preservação e afirmação de identidades. A proposta de retomada sempre esteve atrelada ao projeto, e foi visível o efeito produzido por esta ideia dentro dos encontros, nos espaços de organização e nos desdobramentos pessoais, ocasionados pela realização do grupo.

A partir dos escritos de Jota Mombaça (2016), em seu texto “Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência”, iniciamos o processo de pensar em nós mesmos não apenas como sujeitos submetidos às ficções de poder, mas como agenciadores destas, para que fosse possível imaginar e recuperar um futuro, passado e presente de retomada, através de histórias que subvertem e recusam a norma, propondo novas perspectivas de existência.

Partimos da ideia de que “O poder insuspeitado das ficções é de ser cimento do mundo, [...] de modo que tudo o que está construído precisou, antes, ser imaginado” (MOMBAÇA, 2016, p. 05) para construir uma filmografia que pudesse dialogar com as subjetividades desviantes que constituíam o projeto. As obras que assistimos durante os encontros, bem como suas discussões, foram essenciais para a construção de novas referências, tanto para a equipe quanto para os participantes, em relação à multiplicidade de vivências dentro da temática das dissidências sexuais e/ou de gênero:

Diante de um contexto pandêmico onde vivenciamos mudanças abruptas da rotina, enfraquecimento de vínculos e acentuamento de sofrimentos psíquicos a organização de um coletivo de escuta e criação foi extremamente potente. Foi importante entrar em contato com produções artísticas LGBTI+ e também ter espaço para sua própria produção em um movimento de empoderamento e retomada da sua própria existência.

Dalcastagnè (2007) reflete sobre a importância de grupos marginalizados serem protagonistas e autores de produções artísticas sobre seus próprios corpos, subjetividades e existência e de seus semelhantes. Esses grupos são identificados, coletivamente, com uma valoração negativa da cultura dominante e estão representados como o *outro*. Porém, é necessária a reflexão sobre quem é esse outro, a posição que lhe é reservada e o que está escondido em seu silenciamento. A ampliação da diversidade de percepções do mundo relaciona-se ao acesso à voz para e por estes grupos, ou seja, é importante estabelecer o lugar de fala, porém, é preciso ir além, e incluir, nessa concepção, o *lugar de onde se ouve*, assim como a relação que se quer estabelecer entre falantes e ouvintes, que nos lança, sobretudo em nosso *lugar de ação*, esse lugar que é sempre móvel, permeável e atravessado pela mudança permanente.

O convite a refletir sobre si mesmo começou no próprio processo de elaboração do projeto, através de pesquisa para a formação da equipe, baseada em autores que

estudam e vivenciam o tema da dissidência e da subversão da ordem, não só relacionados a gênero e sexualidade.

Tenho aprendido muito. Eu tinha mais experiência com curadoria de filmes, e mesmo assim ainda me trouxe ainda mais referências de filmes que eu nunca tinha visto, fui aprendendo sobre acolhimento, sobre gênero e sexualidade, sobre saberes decoloniais, sobre produções artísticas e também no fazer artístico que costumo não fazer por me sentir insegura e nesse momento me senti segura para produzir e apresentar.

Ao fazer a curadoria priorizando artistas e produtores LGBTI+, a equipe entrou em contato com produções<sup>7</sup> que não fazem apenas uma representação de maneira não-pejorativa dos corpos dissidentes, mas que trazem esses corpos em outros modos de vida, propondo novos horizontes de pensamento, além de mostrar vidas que não estamos acostumados a ver na tela, ou mesmo no cotidiano, nos levando não só ao conhecimento de si mesmo, mas aos múltiplos questionamentos sobre o seu ser no mundo.

Desde a formulação do projeto, nos propomos a priorizar o ingresso de *corpas* dissidentes no espaço através de ordem prioritária de convocação, o que incluía pessoas racializadas, não cisgêneras e com deficiência. Entretanto, no primeiro ciclo, não exibimos nenhum filme que mostrasse corpos com deficiência, que fossem produzidos por uma pessoa com deficiência ou que trouxessem essa realidade. Porém, com a inscrição de um participante com deficiência no segundo ciclo, nos deparamos com a necessidade de rever as propostas, as falhas da curadoria e do desenvolvimento do projeto em relação à acessibilidade. Para isso, iniciamos um novo processo de curadoria, colocando a acessibilidade como ponto central para a seleção. Este momento também faz parte do contexto de formação da equipe, que se colocou em contato com a produção e realização de conteúdo audiodescritivo, além das trocas realizadas sobre durante os encontros. A escassez de conteúdo audiovisual acessível e disponível online, dentro dos recortes do projeto, nos levou a buscar outros produtos artísticos, que pudessem ser acessíveis, alterando a dinâmica do grupo até então.

Buscar outras possibilidades de conteúdos artísticos e até mesmo realizar adaptações foi algo muito importante e benéfico para nosso crescimento, tanto profissionalmente quanto pessoalmente. Um olhar mais atento em relação às encruzilhadas da acessibilidade, às possibilidades de consumo de arte pelos corpos de pessoas com deficiência e do nosso acesso a conteúdos produzidos por estes.

Toni Morrison (1977) entende que as definições pertencem aos definidores, não aos definidos. A ideia é que se retome a autonomia sobre a criação da imagem de si, através do contato com novas fontes de saberes, expandindo o referencial com

---

7 À BEIRA DO PLANETA MAINHA SOPROU A GENTE. Bruna Barros; Bruna Castro. Salvador- BA, 2020  
CORPO-CASA. Giorgia Narciso. Brasil, 2020

MAJUR. Íris ( Rafael Irineu). Mato Grosso - MT. Filmesimples, 2018.

NEGRUME. Diego Paulino. São Paulo - SP. Reptilia Produções, 2018.

O ÓRFÃO. Carolina Markowicz. Brasil. Yourmama, 2018

PERIFERICÚ. Rosa Caldeira; Nay Mendl; Steffany Fernanda; Vita Pereira. São Paulo - SP, 2019

PROFANAÇÃO. Estela Lapponi. Brasil. Casa de Zuleika, 2018

X-MANAS. Clarissa Ribeiro. Recife-PE. Anarca Filmes, 2017.

SENA, Kika. Ensaio sobre o exercício de brotar. Autoamor Dá Conta?: Revidar, São Paulo, n. 1, p. 15-16, 2020  
Disponível em: [https://issuu.com/sesc24demaio/docs/revidar\\_slammarginalia\\_revisto](https://issuu.com/sesc24demaio/docs/revidar_slammarginalia_revisto). Acesso em: 19 nov. 2020.

produções artísticas, que não estão tentando apenas sobreviver à norma imposta, mas que criam um mundo mergulhado em outras possibilidades de existências. Nos perceber como o encontro daquilo que somos, com tudo aquilo que não somos, que possamos existir na indefinição, ou mesmo entender que a definição é do instante, que podemos nos questionar e estar em constante mutação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos ao longo do texto dar passagem à riqueza da experiência que - ao trabalhar centralmente os desafios e possibilidades das vivências LGBTI+ e seu sofrimento psíquico - demonstrou que o sofrimento psíquico e a vivência de processos de exclusão vividos por essa população não são problemas que precisam ser isoladamente vividos ou individualmente solucionados. Procuramos explicitar que as formas de cuidado aos corpos dissidentes e sua saúde mental não são dispositivos exclusivos de profissionais especialistas e que a gestão desse processo na universidade é necessária e pode contar com a participação, bem como com o saber da experiência colaborativa e autogestionada das pessoas LGBTI+.

A experiência vivida e aqui relatada, não tem a pretensão de ser reproduzida ou generalizada, no entanto, nos dá pistas sobre a importância do fomento de ações - instituídas ou instituintes - que proporcionem (1) a inclusão de estudantes na gestão de processos de permanência estudantil (estimulando a autogestão ou a co-gestão de problemas individual e coletivamente compartilhado por grupos com maior vulnerabilidade); (2) o fortalecimento de espaços grupais e convencionais para a realização de atividades que promovam a afirmação das diferenças e o acolhimento das situações de sofrimento e (3) a compreensão de que os espaços formativos ganham em proporção, na mesma medida em que ganham em multiplicidade de forma e conteúdo.

## REFERÊNCIAS

- ALARCON, D. F. *O retorno da terra: as retomadas na aldeia tupinambá da serra do padeiro, sul da bahia*. 2013. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13431/1/2013\\_DanielaFernandesAlarcon.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13431/1/2013_DanielaFernandesAlarcon.pdf). Acesso em: 20 jan. 2021.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://bityli.com/6YV4C>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- CASTRO, E. D. et al. Convivência, trabalho em grupo e formatividade nas práticas territoriais na interface arte-saúde-cultura: a experiência da cooperação Pacto/USP e Caps-Lapa/SP. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.). *Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações*. São Paulo: Summus Editorial, 2015.
- CASTRO, E. D. et al. Experiência estética, exercício cultural, e produção de vida: implicações contemporâneas no âmbito da terapia ocupacional em saúde mental. In: MATSUKURA, T. S.; SALLES, M. M. (org.). *Cotidiano, atividade humana e ocupação: perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental*. Perspectivas da terapia ocupacional no campo da saúde mental. São Carlos: Edufscar, 2016.
- DALCASTAGNÈ, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea, *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/4110>. Acesso em: 06. jan. 2021.
- DUARTE, F. E. B. As representações sociais de universitários de sexualidades lgbt sobre seus processos de escolarização e as implicações em seus projetos de vida. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8380>. Acesso em: 23 jun. 2020.
- FERREIRA, C. *Mulheres negras e (in)visibilidade: imaginários sobre a intersecção de raça e gênero no cinema brasileiro (1999-2009)*. 2016. Doutorado em Comunicação - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

- FRANCISCO, B. *Terapia Ocupacional*. 1.ed. Campinas: Papyrus, 1988.
- FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: <https://bityli.com/OoUai>. Acesso em: 19 jan. 2021.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 21. ed. Rio de Janeiro : Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault – uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro : Editora Forense Universitária, 1995.
- LIMA, N. F.; CARVALHO, A. E. A. Para além da autogestão: a construção de uma subjetividade solidária no movimento anarquista. In: CONGRESSO DE PESQUISADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2., 2018, São Carlos. *Anais*. São Carlos: Edufscar, 2018. p. 1-15. Disponível em: <https://bityli.com/1alou>. Acesso em: 19 jan. 2021.
- LORDE, A. Não há hierarquias de opressão. In.:Textos escolhidos de Audre Lorde. *Difusão Herética Lesbofeminista*. s/d. fanzine. Disponível em: <http://bit.ly/2oc713f>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- MELLO, L. et al. Políticas públicas de trabalho, assistência social e previdência social para a população LGBT no Brasil: sobre desejos, realizações e impasses. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 44, n. 1, p. 132-160, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/832>. Acesso em: 26 jun. 2020.
- MOMBAÇA, J. *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*. 2016. 20 p. Disponível em: <https://bityli.com/8xvL6>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- MORISSON, T. *Amada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987/2007. p. 266
- NASCIMENTO, C. Experimentação/autogestionária: autogestão da pedagogia/ pedagogia da autogestão. In: BATISTA, E. L.; NOVAES, H. (Orgs.). *Trabalho, educação e reprodução social*. As contradições do capital no século XXI, 2011.
- SÁ, Y. et al. Cartografias femininas: Grupo de Mulheres pelo olhar dos estudantes. In: MAXIMINO, V.; LIBERMAN, F. (org.). *Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações*. São Paulo: Summus Editorial, 2015. cap. 5, p. 88-114.
- SILVA, M. R. *Antropofagia Queer: Imagem, (Trans)Gênero e Poder*. 2016. Graduação em História da Arte - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://bityli.com/scy9o>. Acesso em: 25 jun. 2020.